



PEDRO TIERRA

A classe trabalhadora brasileira foi parida pelo capitalismo mercantil. Seu nascimento resultou de um duplo crime contra a humanidade a redução e o apresamento dos povos indígenas originários, utilizados no saque da madeira que, mais tarde, emprestaria seu nome à colônia. E o monstruoso tráfico de pessoas negras no Atlântico Sul, lançadas ao longo de mais de três séculos como lenha consumida nas fornalhas dos engenhos, nos canaviais e nas minas.

Essa dupla abjeção marcou definitivamente a história de uma sociedade que acumulou sua riqueza por meio do saque, da pilhagem e da exploração de mão de obra escravizada a serviço de uma elite patriarcal e parasitária, sem vínculo real de compromisso com os agentes sociais e econômicos, geradores de sua própria fortuna.

Esse traço imprime uma marca indelével na fisionomia cultural do País. E fixa uma exigência histórica para as classes trabalhadoras, acrescidas ao longo dos séculos, dos imigrantes pobres europeus, levantinos e orientais sua emancipação integral é inseparável da afirmação de um processo de libertação anticolonial. Por sua vez, inseparável da afirmação de suas identidades culturais como nação.

A emergência de um movimento operário no coração industrial do País sinalizou o declínio da ditadura. Revelou-se capaz de catalisar, a partir do ABC, a insatisfação crescente disseminada na sociedade, nas diferentes regiões, e se posicionou com voz própria, pela primeira vez sem intermediários, e com poderosa capacidade de mobilização para disputar os rumos do País os incluídos no setor de ponta da economia e excluídos da política ocuparam, sem pedir licença, o lugar que lhes cabia nos espaços de mando.

O setor mais organizado das classes trabalhadoras – o movimento operário – assumia a liderança de um processo político, social e cultural que mudaria a face do País. Dito isso, é indispensável compreender que a emancipação das classes trabalhadoras brasileiras, com toda a sua diversidade, implica em afirmar que a Revolução Brasileira será negra ou não será Revolução.

Será indígena ou não será Revolução.

Será feminina ou não será Revolução.

Brasília, outubro de 2023.

“Atrás da agitação superficial do mercado, fica o curtume, o local do crime a oficina ou a fábrica onde o trabalhador é espoliado, onde, enfim, se revela o segredo da acumulação da riqueza.

Entre as mercadorias, uma é bem singular: a força de trabalho.

Ela tem a fabulosa virtude de criar valor ao ser consumida, de funcionar mais tempo do que o necessário para sua própria reprodução.

É dessa capacidade que o homem do dinheiro se apoderou.

O trabalhador, que não possui nada para vender, exceto sua força de trabalho, não tem escolha.

Mas se aceitou e consentiu em seguir seu comprador, ele não se pertence mais.”

Daniel Bensaïd

AS NOVAS VIAS ABERTAS NA AMÉRICA LATINA

“Que a América Latina não está mais disposta a suportar a barbárie, a subserviência, a iniquidade que, em nome da ‘democracia das elites’, assumem, de fato, a postura do império, da autocracia, da truculência, da miséria e da indignidade?

Não estaremos presenciando o afloramento de um novo desenho de poder popular, construído pela base, pelos camponeses, indígenas, operários, assalariados urbanos e rurais, que começam novamente a sonhar com uma sociedade livre, verdadeiramente latino-americana e emancipada?

Não estaremos começando a tecer, redesenhar e mesmo presenciar as novas vias abertas na América Latina?”

Ricardo Antunes

“A história das lutas dos trabalhadores é a história de uma longa série de derrotas dos trabalhadores, interrompidas por algumas vitórias esporádicas.”

Friedrich Engels



“O que se passa nesse continente que nasceu pra servir e trabalhar, mas que sabe também conjugar felicidade com rebelião, sofrimento com libertação, espoliação com revolução?”

Ricardo Antunes



OS TRABALHADORES

DIREÇÃO-GERAL **Luiz Fernando Lobo**
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO **Tuca Moraes**
PROJETO EXPOGRÁFICO/CENOGRRAFIA **J.C. Serroni e Luiz Fernando Lobo**
DIRETOR ASSISTENTE **João Batista**
ILUMINAÇÃO **Cesar de Ramires**
FIGURINO **Beth Filipecki e Renaldo Machado**
DRAMATURGIA **Bruno Peixoto, João Batista, Leonardo Hinckel e Luiza Moraes**
PAISAGEM SONORA **Luiz Fernando Lobo**
PESQUISA DE IMAGEM E TEXTO **Antônio Venâncio e Maria Ganem**
EDIÇÃO DE IMAGENS **Claudio Tammela**
DESENHO DE SOM **Branco Ferreira**
PRODUÇÃO EXECUTIVA **Adriana Gusmão**
PROGRAMAÇÃO VISUAL **Marcos Apóstolo e Tatiana Rodrigues**
GERENTE DE PROJETO GRÁFICO **Priscilla Fernandes e Paulo Victor**
COORDENAÇÃO E REVISÃO DE CONTEÚDO **Tuca Moraes**
PRODUÇÃO GRÁFICA **Marcelo Pignataro**
CURADORIA **Daniel Souza**

EM CENA

Amanda Tamarozzi
Bruno Peixoto
Dani Arreguy
Douglas Amaral
Eduardo Cardoso
Felipe de Góis
Gilberto Miranda
Grégori Eckert
Leonardo Hinckel
Luiza Moraes
Mariana Pompeu
Mateus Pitanga
ESTAGIÁRIAS
Ju Costa
Maria Clara de Pina
Thaise Oliveira

COORDENAÇÃO CIÊNCIA DO NOVO PÚBLICO (CNP) **André Lopes**
CIÊNCIA DO NOVO PÚBLICO (CNP) **Agnes de Freitas, Gilberto Miranda, Grégori Eckert, Maria Gabriela Cavalcanti e Maura Santiago**
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO **Lead Comunicação**
FOTOS **Thiago Gouveia**

PREPARAÇÃO CORPORAL **Paulo Mazzoni e Mariana Pompeu**
FIGURINISTA ASSISTENTE **Felipe de Góis**
ASSISTENTE DE DIRETOR (fase pré-produção) **Anna Magalhães**
ASSISTENTE DE PRÉ-PRODUÇÃO **Willian Silva**
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO **Álvaro Antônio e Paula Serra**
ASSISTENTE DE PESQUISA DE IMAGEM E TEXTO **Bernardo Tavares Rosa**
ASSISTENTE DE CURADOR PARA IMAGENS **Daniel Souza**

PRODUÇÃO / PRODUTOR DE SET **Dani Carvalhó e Job Center**
GT ILUMINAÇÃO **Eduardo Cardoso, Bruno Peixoto e Leonardo Hinckel**
GT FIGURINO **Felipe de Góis**
GT CENOGRRAFIA **Amanda Tamarozzi e Analu Zimmer**
GT OBJETOS **Mariana Pompeu, Gilberto Miranda e Grégori Eckert**
INSTRUTOR DAS MÁQUINAS **Saraiva**
CENOTÉCNICOS **Claudinho CR Silva, José Alves e Paulinho de Andrade**
MAQUINISTA **José Frazão e Pedro Guimarães da Silva**
PINTURA DE ARTE **Álvaro Antônio**
PINTURA DE LISO **Davson Oliveira**
ADERECISTAS **Bruno Torato e Douglas Vendramini**
MAQUETE **Thaise Oliveira**
TÉCNICOS DE LUZ **Álvaro Boa Morte, Geraldo Santos, Mário César Benincaza e Miguel Vargas**
TÉCNICO DE SOM **Daniel Vetuani e Felipe Chagas**
TÉCNICOS **Moisés Monteiro da Silva e Paulinho de Andrade**
EQUIPAMENTO DE LUZ **Belight**
EQUIPAMENTO DE PROJEÇÃO **On Projeções**
EQUIPAMENTO DE SOM **Branco Ferreira**
ALIMENTAÇÃO **Valeria de Souza Fernandes**
EQUIPE COZINHA **Augusto Xavier, Lucas Antonio e Valeria C. da Silva**
CARREGADORES **Naval Serviços**
SEGURANÇA E LIMPEZA **Só Nós da Estiva e LF Logística**
CONTROLLER **Braga & Campos**

INSTITUTO ENSAIO ABERTO

PRESIDENTE **Luiz Fernando Lobo**
DIREÇÃO EXECUTIVA **Tuca Moraes**
PLANEJAMENTO DE GESTÃO **Taísa Diniz**
ADMINISTRATIVO FINANCEIRO **Ione Melo**
ASSESSORIA JURÍDICA **Carpenter e Genescá Consultoria**
Viveiros de Castro Advogados
GERENTE OPERACIONAL **Felipe Torres Loureiro**
ASSISTENTES EXECUTIVO **Guilherme Freitas e Victória Alves**
ESTAGIÁRIA DE DIREÇÃO **Bia Passini**
EQUIPE OPERACIONAL **Cintia Reis Costa**
EQUIPE TÉCNICA **Paulo Andrade e Moisés Monteiro**
LIMPEZA **LF Serviços, Jaime Nascimento Barbosa e Lucas Nascimento da Silva**
CARREGADORES **LF Serviços**
SEGURANÇAS **Roney Silva dos Santos, Renato Gabriel Lima da Conceição Ferreira, Antonio Carlos Barbosa e Luciano Pereira de Sousa**
MOTORISTAS **Victor Passini e Pedro Nery**

AGRADECIMENTOS Instituto Moreira Sales, Museu da Imagem e do Som, Fundação Perseu Abramo (Acervo CSBH/FPA), Jornal O Globo, Jornal Folha de São Paulo (Folhapress), Central Única dos Trabalhadores - CUT, Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Ramo Financeiro do Estado do Rio, Sintel, Copa Engenharia, Evandro L. Bertanha e a todos que nos ajudaram na construção dessa memória! Agradecimento especial a Pedro Tierra, Paulo Okamoto, Vera Jursys, deputada Benedita da Silva e aos deputados Rui Falcão e João Daniel. Aos que, gentilmente, cederam seus direitos autorais. Dedicamos essa exposição a todos os trabalhadores do Brasil e especialmente aos trabalhadores que estão construindo o Armazém da Utopia.

"No princípio da riqueza, estava o crime de extorsão do mais-valor, quer dizer, o roubo do tempo de trabalho não pago do trabalhador! Ao descobrir, aos 22 anos, as condições de exploração, os casebres, as doenças da classe laboriosa inglesa, o jovem Engels já tinha entendido que se tratava simplesmente de um 'assassinato'. De um 'assassinato idêntico ao perpetrado por um indivíduo, apenas mais dissimulado e mais perverso', porque é um 'assassinato contra o qual ninguém pode se defender, porque não parece um assassinato, porque não se vê o assassino, porque o assassino é todo mundo e ninguém, a morte da vítima parece natural'. Mas não deixa de ser um assassinato."
Daniel Bensaïd



Acesse os créditos das fotos e filmes:



EX CLASSE
RABALHADA

BRASILADURA BRASILEIRA

ensaio aberto
ANOS

nu
ARMAZÉM
DAUTOPIA